

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

A LIBÉLULA NO ÂMBAR

LIVRO DOIS



DIANA GABALDON





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*A meu marido, Doug Watkins,
em agradecimento pela matéria-prima*

PRÓLOGO

Acordei três vezes de madrugada. Na primeira, de tristeza, depois de alegria e, finalmente, de solidão. As lágrimas de uma profunda perda acordaram-me devagar, banhando meu rosto como o toque reconfortante de um pano úmido em mãos tranquilizadoras. Virei o rosto no travesseiro molhado e naveguei por um rio salgado para dentro das cavernas da dor lembrada, para as profundezas subterrâneas do sono.

Despertei, então, de pura alegria, o corpo arqueado nos espasmos da união física, sentindo o toque de seu corpo ainda na minha pele, morrendo ao longo dos caminhos dos meus nervos como as ondulações da consumação espalhando-se a partir do cerne do meu ser. Repeli a consciência, virando-me outra vez, buscando o cheiro pungente e penetrante do desejo satisfeito de um homem e, nos braços reconfortantes do meu amado, adormeci.

Na terceira vez, acordei sozinha, além do alcance do amor ou do sofrimento. A visão das rochas estava nítida em minha mente. Um pequeno círculo, pedras verticais no topo de uma colina verde e íngreme. O nome da colina é Craigh na Dun; a colina das fadas. Alguns dizem que a colina é encantada, outros, que é amaldiçoada. Todos têm razão. Mas ninguém conhece a função ou o propósito das pedras.

Exceto eu.

PARTE I

Através de um espelho, às escuras.

Inverness, 1968



CONFERINDO A LISTA DE COMBATENTES

Roger Wakefield parou no meio da sala, sentindo-se cercado. Achou a sensação absolutamente justificável, já que realmente *estava* cercado: de mesas abarrotadas de bibelôs e suvenires; de mobílias pesadas, no estilo vitoriano, repletas de paninhos de renda nos braços e encostos das poltronas, de capas de veludo e mantas de lã xadrez; de minúsculos tapetes trançados, espalhados pelo lustroso assoalho de madeira, ardidosamente à espera de uma oportunidade para deslizar sob um pé desavisado. Cercado por doze aposentos de móveis, roupas e papéis. E livros — meu Deus, os livros!

O gabinete onde estava possuía três paredes forradas de estantes de livros, cada qual abarrotada muito além do limite de sua capacidade. Romances de mistério em brochura acumulavam-se em pilhas vistosas, espalhafatosas, em frente a tomos encadernados em couro, espremidos contra seleções do clube do livro, volumes antigos surrupiados de extintas bibliotecas, e milhares e milhares de folhetos, panfletos e manuscritos costurados à mão.

A situação não era muito diferente no restante da casa. Livros e papéis amontoavam-se em toda superfície horizontal e todos os armários rangiam e guinchavam nas dobradiças. Seu falecido pai adotivo vivera uma vida longa e plena, uns bons dez anos a mais do que os setenta que lhe eram bíblicamente designados. E em oitenta e tantos anos, o reverendo Reginald Wakefield nunca jogara nada fora.

Roger conteve o ímpeto de sair correndo porta afora, pular em seu Morris Minor e voltar para Oxford, abandonando a residência paroquial e todo seu conteúdo à mercê dos vândalos e das intempéries. Acalme-se, disse a si mesmo, inspirando fundo. Você consegue lidar com isto. Os livros são a parte mais fácil; é só questão de organizá-los, depois chamar alguém e mandar levá-los embora. É bem verdade que vão precisar de um caminhão do tamanho de um vagão de trem, mas pode ser feito. Roupas — sem problema. A Oxfam receberá o lote inteiro.

Ele não sabia o que a ONG iria fazer com um monte de ternos de sarja preta e coletes do final dos anos 1940, mas talvez os necessitados não fossem

tão exigentes. Começou a respirar um pouco melhor. Havia tirado um mês de licença do departamento de história de Oxford a fim de resolver os negócios do reverendo. Talvez, afinal de contas, isso fosse suficiente. Em seus momentos de maior depressão, parecia-lhe que a tarefa poderia levar anos.

Dirigiu-se a uma das mesas e pegou uma pequena travessa de porcelana. Estava repleta de pequenos retângulos de metal; *gaberlunzies*, os distintivos retangulares de chumbo que as paróquias forneciam aos mendigos andarilhos como uma espécie de licença para pedir esmolas. Uma coleção de garrafas de cerâmica vitrificada estava postada junto ao abajur, ao lado de uma surrada caixa de rapé, ornamentada em prata. Doá-los a um museu?, pensou em dúvida. A casa estava cheia de artefatos jacobitas; o reverendo fora um historiador amador, o século XVIII o seu território de caça favorito.

Estendeu a mão involuntariamente e seus dedos acariciaram a superfície da caixa de rapé, seguindo os contornos negros das inscrições — os nomes e datas dos Diáconos e Tesoureiros da Associação de Alfaiates de Canongate, Edimburgo, 1726. Talvez ele devesse guardar algumas das melhores aquisições do reverendo... mas em seguida recuou, balançando a cabeça decididamente.

— Nada disso, rapaz — disse em voz alta. — Isso pode levar à loucura.

Ou no mínimo à vida incipiente daqueles ratos que carregam e escondem pequenos objetos. Se começasse a guardar coisas, iria acabar ficando com tudo, morando naquela casa monstruosa, cercado de gerações de quin-quilharias.

— E falando sozinho também — murmurou ele.

A ideia de gerações de entulho o fez lembrar-se da garagem, e sentiu certa prostração nos joelhos. O reverendo, que na realidade era tio-avô de Roger, adotara-o aos cinco anos de idade, depois que seus pais morreram na Segunda Guerra Mundial; sua mãe na Blitz, seu pai nas águas escuras do Canal. Com seu usual instinto de preservação, o reverendo guardara todos os pertences dos pais de Roger, embalados em caixas de madeira e de papelão e guardados nos fundos da garagem. Roger tinha certeza de que ninguém abria nenhuma daquelas caixas nos últimos vinte anos.

Roger proferiu a lamúria do Velho Testamento diante da ideia de ter que manusear toda a *memorabilia* de seus pais.

— Ah, meu Deus — exclamou ele em voz alta. — Qualquer coisa, menos isso!

A observação não teve a intenção de ser uma prece, mas a campanha tocou como que em resposta, fazendo Roger morder a língua de susto.

A porta da casa costumava emperrar com o tempo úmido, o que significava que ficava emperrada durante a maior parte do ano. Roger libertou-a com um rangido lancinante e deparou-se com uma mulher à soleira.

— Pois não, o que deseja?

Era de altura mediana e muito bonita, dando a impressão de uma boa constituição física sob o linho branco, tudo encimado por cabelos castanhos cacheados abundantes, presos numa espécie de coque rebelde. E no meio de tudo, o mais extraordinário par de olhos claros, da cor do xerez envelhecido.

Os olhos ergueram-se rapidamente dos tênis tamanho quarenta e dois para o rosto dele, uns trinta centímetros acima do seu. O sorriso enviesado ampliou-se.

— Detesto começar logo com um clichê — disse ela —, mas, Santo Deus, como você cresceu, Roger!

Roger sentiu-se enrubescer. A mulher riu e estendeu a mão.

— Você é o Roger, não é? Meu nome é Claire Randall, uma velha amiga do reverendo. Mas não vejo você desde que tinha cinco anos de idade.

— Hã... a senhora disse que *era* uma amiga do meu pai? Então já sabe...

O sorriso desapareceu, substituído por um ar de tristeza.

— Sim, lamentei profundamente a notícia. Coração, não foi?

— Hã, sim. Muito repentino. Acabo de chegar de Oxford para começar a lidar com... tudo. — Abanou a mão vagamente, englobando a morte do reverendo, a casa às suas costas e todo seu conteúdo.

— Pelo que eu me lembro da biblioteca de seu pai, a pequena tarefa deve ocupá-lo até o próximo Natal — observou Claire.

— Nesse caso, talvez não devêssemos estar perturbando-o — disse uma voz doce, com sotaque americano.

— Ah, me esqueci — disse Claire, virando-se parcialmente para a jovem que se mantinha fora do campo de visão de Roger até então, no canto do pórtico de entrada. — Roger Wakefield, minha filha, Brianna.

Brianna Randall deu um passo à frente, um sorriso tímido. Roger fitou-a por um instante, depois se lembrou de suas boas maneiras. Recuou um passo e abriu a porta de par em par, perguntando-se exatamente quando ele havia trocado a camisa.

— De modo algum, de modo algum! — disse ele, fervorosamente. — Estava mesmo querendo fazer uma pausa. Entrem, por favor.

Fez um gesto, sinalizando para que as duas mulheres seguissem pelo corredor em direção ao gabinete do reverendo, notando que a filha, além de ser razoavelmente atraente, era uma das jovens mais altas que ele já vira de perto. Ela devia ter facilmente mais de um metro e oitenta, pensou, vendo sua cabeça no mesmo nível do topo do porta-chapéus do vestibulo quando ela passou por ele. Inconscientemente, ele empertigou-se, alcançando toda a sua altura de um metro e noventa e dois. No último instante, abaixou-se, para não bater a cabeça na viga da porta do gabinete quando entrou no aposento, seguindo as mulheres.

— Eu queria ter vindo antes — disse Claire, acomodando-se melhor na enorme poltrona bergère.

A quarta parede do gabinete do reverendo tinha janelas que iam do chão ao teto, e a luz do sol cintilava do prendedor de pérolas em seus cabelos castanho-claros. Os cachos começavam a se desprender de seu confinamento e ela distraidamente enfiou um deles atrás da orelha enquanto falava.

— Na verdade, já tinha providenciado tudo para vir no ano passado, mas houve uma emergência no hospital em Boston. Eu sou médica — explicou ela, sorrindo discretamente diante do olhar de surpresa que Roger não conseguiu disfarçar. — Mas lamento não ter vindo. Queria muito ter visto seu pai outra vez.

Roger perguntou-se por que teriam vindo agora, sabendo que o reverendo estava morto, mas pareceu-lhe indelicado questionar. Em vez disso, perguntou:

— Vieram passear um pouco, então?

— Sim, viemos de carro de Londres — respondeu Claire. Sorriu para a filha. — Queria que Bree conhecesse o país. Você não imaginaria, ouvindo-a falar, mas ela é tão inglesa quanto eu, embora nunca tenha morado aqui.

— É mesmo? — Roger lançou um olhar para Brianna. Ela de fato não parecia inglesa, pensou; fora a altura, possuía uma vasta cabeleira ruiva, solta sobre os ombros, e rosto de traços fortes e angulosos, com o nariz longo e reto, talvez um pouco comprido demais.

— Nasci nos Estados Unidos — explicou Brianna —, mas tanto meu pai quanto minha mãe são... eram... ingleses.

— Eram?

— Meu marido morreu há dois anos — explicou Claire. — Você o conheceu, eu acho. Frank Randall.

— *Frank* Randall! Claro! — Roger deu um tapa na testa e sentiu seu rosto esquentando quando Brianna deu uma risadinha. — Devem me achar um completo idiota, mas acabo de me lembrar de vocês.

O nome explicava muita coisa; Frank Randall fora um eminente historiador e um grande amigo do reverendo; durante anos, trocaram informações secretas sobre os jacobitas, embora fizesse pelo menos dez anos desde a última visita de Frank Randall à residência paroquial.

— E então, vão visitar os locais históricos perto de Inverness? — arriscou Roger. — Já estiveram em Culloden?

— Ainda não — respondeu Brianna. — Pensamos em ir mais para o final da semana. — Seu sorriso em resposta foi apenas cordial, nada mais.

— Marcamos um passeio pelo lago Ness hoje à tarde — explicou Claire. — E talvez viajemos de carro até Fort William amanhã ou fiquemos apenas andando por Inverness. A cidade cresceu muito desde a última vez em que estive aqui.

— E quando foi? — Roger imaginou se deveria oferecer seus serviços como guia turístico. Na realidade, não deveria perder tempo, mas os Randall tinham sido grandes amigos do reverendo. Além do mais, uma viagem de carro a Fort William na companhia de duas mulheres encantadoras parecia uma perspectiva muito mais atraente do que limpar a garagem, que era a tarefa seguinte em sua lista.

— Ah, há mais de vinte anos. Já faz muito tempo. — Houve um tom estranho na voz de Claire que fez Roger olhar para ela, mas ela fitou seus olhos com um sorriso.

— Bem — arriscou ele —, se houver alguma coisa que eu possa fazer por vocês enquanto estiverem nas Terras Altas...

Claire ainda estava sorrindo, mas algo em seu rosto mudou. Ele chegou a pensar que ela estivera esperando uma abertura. Ela lançou um olhar para Brianna, depois se voltou de novo para Roger.

— Já que tocou no assunto — disse ela, o sorriso ampliando-se.

— Ah, mamãe! — exclamou Brianna, empertigando-se na cadeira. — Não vá incomodar o sr. Wakefield! Olhe só quanta coisa ele tem a fazer! — Abanou a mão abarcando o gabinete atulhado, com suas caixas abarrotadas e infindáveis pilhas de livros.

— Ah, não é incômodo nenhum! — protestou Roger. — Então... do que se trata?

Claire lançou um olhar repressor à filha.

— Eu não estava pretendendo dar uma pancada na cabeça dele e arras-

tá-lo daqui — disse ela, ironicamente. — Mas ele pode muito bem conhecer alguém que possa ajudar. É um pequeno projeto histórico — explicou a Roger. — Preciso de alguém que seja bem versado nos jacobitas do século XVIII. O príncipe Charles Edward Stuart e todo aquele pessoal.

Roger inclinou-se para a frente, interessado.

— Jacobitas? — disse ele. — Esse período não é uma das minhas especialidades, mas sei um pouco a respeito. Difícil não saber, morando tão perto de Culloden. Foi onde a última batalha foi travada, conforme já deve saber — explicou a Brianna. — Onde os partidários do príncipe Charles se confrontaram com o duque de Cumberland e foram completamente massacrados.

— Exato — disse Claire. — E isso, de fato, tem a ver com o que desejo descobrir. — Enfiou a mão na bolsa e retirou um papel dobrado.

Roger abriu-o e passou os olhos pelo conteúdo. Era uma lista de nomes, talvez uns trinta, todos homens. No alto da folha, havia um cabeçalho: REVOLUÇÃO JACOBITA, 1745 — CULLODEN.

— Ah, a rebelião de 45? — disse Roger. — Esses homens lutaram em Culloden, não foi?

— Sim — respondeu Claire. — O que eu quero descobrir é quantos homens desta lista sobreviveram àquela batalha.

Roger esfregou o queixo enquanto lia a lista.

— É uma pergunta simples — disse ele —, mas a resposta pode ser difícil de ser encontrada. A quantidade de homens dos clãs das Terras Altas que seguiam o príncipe Charles mortos no campo de batalha de Culloden foi tão alta que eles não foram enterrados individualmente. Acabaram colocados em sepulturas coletivas, com uma única pedra gravada com o nome do clã como marco.

— Eu sei — disse Claire. — Brianna não esteve lá, mas eu estive... há muito tempo. — Ele pensou ter vislumbrado uma sombra fugaz atravessando os olhos dela, embora tivesse sido rapidamente ocultada quando ela voltou a enfiar a mão na bolsa. Não era de se admirar, pensou. O Campo de Culloden era um lugar emocionante; ele mesmo chorou ao ver aquela grande extensão de terra pantanosa e lembrar-se da bravura e da coragem dos escoceses das Terras Altas que jaziam massacrados sob o capim.

Ela desdobrou várias outras folhas datilografadas e entregou-as a ele. Um dedo longo e branco percorreu a margem de uma das folhas. Belas mãos, observou Roger; delicadamente torneadas, bem-cuidadas, com uma única aliança em cada mão. A de prata na mão direita chamava especialmente a atenção; uma aliança jacobita larga, no padrão entrelaçado das Terras Altas, adornada com flores de cardo.

— Esses são os nomes das esposas, pelo que sei. Achei que isso talvez pudesse ajudar, já que se os maridos tiverem sido mortos em Culloden, provavelmente veríamos essas mulheres se casando de novo ou emigrando para outro lugar mais tarde. Esses registros com toda a certeza devem existir nos livros da paróquia, não? São todos da mesma paróquia. A igreja ficava em Broch Mordha, a uma boa distância ao sul daqui.

— É uma ideia bastante útil — disse Roger, ligeiramente surpreso. — É o tipo de coisa na qual um historiador teria pensado.

— Não sou nenhuma historiadora — disse Claire secamente. — Por outro lado, quando se vive com um, aprende-se alguns truques.

— Sem dúvida. — Um pensamento ocorreu a Roger e ele se levantou de sua cadeira. — Estou sendo um péssimo anfitrião; por favor, permita-me servir-lhes um drinque e depois podem me contar mais a respeito disso. Talvez eu mesmo possa ajudá-las.

Apesar da desordem, ele sabia onde as garrafas de bebidas ficavam guardadas e rapidamente suas visitas estavam servidas de uísque. Colocou bastante soda no uísque de Brianna, mas notou que ela apenas o tocou com os lábios, como se seu copo contivesse formicida em vez do melhor Glenfiddich de puro malte. Claire, que pedira seu uísque puro, parecia apreciá-lo bem mais.

— Bem. — Roger retomou seu lugar e pegou os papéis outra vez. — É um problema interessante, em termos de pesquisa histórica. Disse que esses homens pertenciam à mesma paróquia? Devem ter pertencido a um único clã ou tribo. Vejo que vários tinham o sobrenome Fraser.

Claire balançou a cabeça afirmativamente, as mãos cruzadas no colo.

— Vinham todos da mesma propriedade, uma pequena fazenda nas Terras Altas chamada Broch Tuarach e conhecida na região como Lallybroch. Faziam parte do clã Fraser, embora nunca tenham jurado lealdade formalmente a lorde Lovat como chefe. Esses homens participaram da Revolução desde o início, lutando na Batalha de Prestonpans, enquanto os homens de Lovat só chegaram pouco antes de Culloden.

— É mesmo? Interessante. — Em circunstâncias normais do século XVIII, esses pequenos arrendatários teriam morrido onde viviam, sido sepultados lado a lado no cemitério da vila e cuidadosamente incluídos nos registros da paróquia. Entretanto, a tentativa do príncipe Charles de recuperar o trono da Escócia em 1745 interrompeu o curso normal dos acontecimentos de modo drástico.

Na fome que se seguiu ao desastre de Culloden, muitos escoceses das

Terras Altas emigraram para o Novo Mundo, outros foram abandonando os desfiladeiros e os pântanos em direção às cidades, em busca de alimento e emprego. Alguns permaneceram, agarrando-se teimosamente às suas terras e tradições.

— Daria um artigo fascinante — disse Roger, pensando em voz alta. — Seguir o destino de um grupo de indivíduos, descobrir o que aconteceu a cada um deles. Seria menos interessante se todos tivessem *realmente* morrido em Culloden, mas é provável que alguns tenham conseguido escapar. — Estaria disposto a aceitar o projeto como uma trégua bem-vinda ainda que não tivesse sido Claire Randall quem tivesse pedido.

— Sim, acho que posso ajudá-la com isso — disse ele, sentindo-se recompensado com o sorriso caloroso com que ela o brindou.

— Verdade? Que maravilha! — exclamou ela.

— Será um prazer — disse Roger. Dobrou o papel e colocou-o sobre a mesa. — Vou começar logo a trabalhar nisso. Mas, diga-me, como foi a viagem de Londres até aqui?

A conversa versou sobre questões gerais, conforme as mulheres Randall presenteavam-no com histórias de sua viagem transatlântica e do trajeto de carro de Londres até ali. A atenção de Roger desviou-se ligeiramente quando ele começou a planejar a pesquisa para aquele projeto. Sentia-se levemente culpado por tê-lo aceitado; na verdade, não devia comprometer seu tempo. Por outro lado, era um assunto interessante. E talvez ele pudesse aliar o projeto à necessária tarefa de limpeza do material do reverendo; ele sabia com certeza que havia quarenta e oito caixas de papelão na garagem, todas etiquetadas JACOBITAS, MISCELÂNEA. A simples lembrança desse fato foi suficiente para provocar nele uma sensação de vertigem.

Com um violento esforço, arrancou a mente da garagem, descobrindo, então, que a conversa sofrera uma mudança brusca de rumo.

— Druidas? — Roger sentia-se tonto. Espiou com desconfiança dentro do copo, tentando verificar se havia realmente acrescentado soda à sua bebida.

— Não ouviu falar deles? — Claire pareceu ligeiramente decepcionada. — Seu pai, o reverendo, os conhecia, embora apenas extraoficialmente. Talvez achasse que não valia a pena contar-lhe; ele considerava o assunto uma espécie de piada.

Roger coçou a cabeça, despenteando os cabelos negros e espessos.

— Não, honestamente não me lembro. Mas tem razão, ele não devia achar que o assunto fosse sério.

— Bem, não tenho certeza se é. — Ela cruzou as pernas. Um raio de sol cintilou ao longo de sua meia de seda, ressaltando a delicadeza da ossatura longilínea. — Quando estive aqui pela última vez com Frank... Meu Deus, isso foi há vinte e três anos!... o reverendo disse-lhe que havia um grupo local de, bem, druidas modernos, acho que podem ser chamados assim. Não faço a menor ideia da autenticidade desse grupo. É provável que não sejam mesmo genuínos.

Brianna estava inclinada para a frente agora, interessada, o copo de uísque esquecido entre as mãos.

— O reverendo não podia reconhecê-los oficialmente... por causa de paganismo e tudo isso, você sabe... mas sua governanta, a sra. Graham, estava envolvida com o grupo, então ele ouvia falar de suas andanças de vez em quando e dera uma dica a Frank de que haveria uma espécie de cerimônia no amanhecer do Beltane, isto é, no Primeiro de Maio.

Roger meneou a cabeça, tentando adaptar-se à ideia da velha sra. Graham, aquela mulher extremamente digna e respeitável, participando de rituais pagãos e dançando em volta de círculos de pedras ao nascer do sol. Tudo que ele próprio conseguia se lembrar de cerimônias druidas era que algumas delas envolviam queimar vítimas em gaiolas de vime, em sacrifício, o que parecia um comportamento ainda mais improvável para uma senhora escocesa e presbiteriana de idade avançada.

— Há um círculo de pedras verticais no topo de uma colina, bem perto daqui. Então nós fomos lá antes do nascer do sol para... bem, espioná-las — continuou ela, encolhendo os ombros, como se quisesse se desculpar. — Sabe como são os acadêmicos, não têm nenhum escrúpulo quando se trata do próprio campo de trabalho, quanto mais uma noção de sensibilidade social.

Roger contraiu-se ligeiramente diante de tal observação, mas balançou a cabeça, concordando a contragosto.

— E lá estavam elas — disse Claire. — Inclusive a sra. Graham, todas enroladas em lençóis brancos, entoando cânticos e dançando no meio do círculo de pedras. Frank ficou fascinado — acrescentou com um sorriso. — E realmente *era* impressionante, até para mim.

Parou por um instante, observando Roger de forma especulativa.

— Ouvi dizer que a sra. Graham faleceu há alguns anos. Mas imagino... sabe se ela possuía algum parente? Acredito que a participação nesses grupos geralmente seja hereditária, talvez haja uma filha ou neta que possa me contar um pouco a respeito.

— Bem — disse Roger devagar. — Há uma neta, seu nome é Fiona,

Fiona Graham. Na realidade, ela veio dar uma ajuda aqui na casa depois que sua avó morreu. O reverendo estava de fato muito idoso para ficar totalmente sozinho aqui.

Se havia alguma coisa capaz de afastar sua visão da sra. Graham dançando envolta num lençol, era a ideia de Fiona, de dezenove anos, como guardiã de uma antiga sabedoria mística, mas Roger refez-se heroicamente e continuou:

— Receio que ela não esteja aqui no momento. Mas eu poderia mandar chamá-la para vir falar com você.

Claire abanou a mão delgada, descartando a ideia.

— Não precisa se incomodar. Uma outra hora. Nós já tomamos demais do seu tempo.

Para desalento de Roger, ela colocou o copo vazio na mesinha entre as cadeiras e Brianna acrescentou seu próprio copo, ainda cheio, demonstrando o que lhe pareceu uma certa ânsia. Ele notou que Brianna Randall roía as unhas. Essa pequena prova de imperfeição lhe deu coragem para dar o próximo passo. Ela o intrigava e ele não queria que ela fosse embora sem ter certeza de que voltaria a vê-la.

— Por falar em círculos de pedra — disse ele rapidamente —, acho que conheço o que você mencionou. É um belo cenário e não fica muito longe da cidade. — Sorriu diretamente para Brianna Randall, notando que ela possuía três pequenas sardas no alto da maçã do rosto. — Acho que vou começar este projeto com uma viagem até Broch Tuarach. Fica na mesma direção do círculo de pedras, então talvez... aaahh!

Com um movimento brusco e repentino de sua volumosa bolsa, Claire Randall lançou os dois copos de uísque para longe da mesa, encharcando o colo e as coxas de Roger de uísque puro e muita soda.

— Ah, sinto muito — desculpou-se ela, obviamente envergonhada. Abaixou-se e começou a recolher os pedaços de cristal estilhaçado, apesar dos esforços não muito coerentes de Roger para tentar impedi-la.

Brianna, aproximando-se para ajudar com um punhado de guardanapos de linho que pegara de cima do aparador, dizia:

— Francamente, mamãe, não sei como é que deixam você fazer cirurgias. Não dá para confiar a você nada menor do que uma cesta de pão. Veja, você encharcou os sapatos dele de uísque! — Abaixou-se no chão e começou a enxugar energicamente o uísque derramado, catando também os fragmentos de cristal. — E as calças também!

Arrancando um novo guardanapo da pilha sobre seu braço, ela lustrou

com cuidado as pontas dos sapatos de Roger, a cabeleira ruiva flutuando de forma delirante em torno de seus joelhos. Sua cabeça erguia-se enquanto espreitava as coxas de Roger, aplicando o guardanapo nas manchas molhadas no veludo das suas calças com energia. Roger cerrou os olhos e pensou freneticamente em terríveis colisões de carros na autoestrada, em formulários de imposto de renda e em monstros devoradores do espaço — qualquer coisa que o impedisse de dar um completo vexame enquanto o hálito quente de Brianna Randall penetrava como uma névoa pelo tecido molhado de suas calças.

— Hummm... talvez seja melhor você mesmo terminar de limpar. — A voz veio de algum lugar ao nível de seu nariz e ele abriu os olhos, deparando-se com um par de olhos de um azul profundo fitando-o acima de um amplo sorriso. Segurou frouxamente o guardanapo que ela lhe oferecia, respirando como se tivesse acabado de ser perseguido por um trem.

Abaixando a cabeça para esfregar as calças, viu Claire Randall observando-o com uma expressão mista de compaixão e divertimento. Não havia nada mais visível em sua expressão; nada daquele lampejo que achara ter visto em seus olhos logo antes da catástrofe. Perturbado como estava, provavelmente não passara de produto de sua imaginação, pensou. Afinal, por que ela haveria de fazer aquilo de propósito?

— Desde quando você se interessa por druidas, mamãe? — Brianna parecia disposta a encontrar algo hilário na ideia; eu a vira mordendo a parte interna das bochechas enquanto eu conversava com Roger Wakefield, e o sorriso que ela disfarçara na ocasião agora estava estampado em seu rosto. — Vai levar seu próprio lençol e se unir a elas?

— Deve ser mais interessante do que as reuniões da equipe do hospital toda quinta-feira — disse. — Porém, um pouco frio.

Ela soltou um riso chiado, assustando dois pássaros grandes, dois chapins-reais de cabeça preta, do caminho à nossa frente.

— Não — disse, retornando ao ar sério. — Meu interesse não é tanto pelas mulheres druidas. Há uma pessoa que eu conhecia na Escócia que gostaria de encontrar, se puder. Não tenho o endereço dela, não tenho contato com ela há mais de vinte anos, mas ela se interessava por coisas estranhas como magia negra, crenças antigas, folclore. Esse tipo de coisa. Houve uma época em

que morou perto daqui; achei que se ainda estivesse pela região, pudesse estar envolvida com um grupo como esse.

— Qual o nome dela?

Balancei a cabeça, agarrando o prendedor de cabelo frouxo que escorregava pelos meus cachos. Ele deslizou pelo meio dos meus dedos e caiu no capim alto à margem do caminho.

— Droga! — exclamei, inclinando-me para procurá-lo. Meus dedos estavam trêmulos enquanto tateava pelos talos densos tendo dificuldade para recuperar o prendedor, escorregadio com a umidade do capim molhado. A lembrança de Geillis Duncan me deixava nervosa, mesmo agora.

— Não sei — respondi, afastando os cachos do meu rosto afogueado. — Quer dizer, faz tanto tempo, tenho certeza de que deve ter um nome diferente agora. Ela era viúva; deve ter se casado outra vez ou estar usando seu nome de solteira.

— Ah. — Brianna perdeu o interesse no assunto e continuou a caminhar em silêncio por algum tempo. De repente, disse: — O que achou de Roger Wakefield, mamãe?

Lancei-lhe um olhar; suas bochechas estavam rosadas, mas podia ser por causa do vento da primavera.

— Parece um bom rapaz — respondi com cautela. — Sem dúvida, é inteligente; é um dos mais jovens professores de Oxford. — Sobre a sua inteligência, eu já sabia; perguntava-me se ele teria alguma imaginação. Geralmente, os tipos cultos e estudiosos não tinham. Mas um pouco de imaginação seria útil.

— Os olhos dele são incríveis — disse Brianna, ignorando sonhadoramente a questão da inteligência. — Não são os mais verdes que já vi?

— Sim, são impressionantes — concordei. — Sempre foram assim. Lembro-me de que me chamaram a atenção quando o conheci em criança.

Brianna olhou para mim, franzindo o cenho.

— Francamente, mamãe! Você tinha que dizer: “Meu Deus, como você cresceu”, quando ele nos atendeu à porta? Que vergonha!

Eu ri.

— Bem, a última vez em que o vi ele batia na altura do meu umbigo, e de repente me vejo levantando a cabeça para ver seu

nariz — disse, defendendo-me. — Não pude deixar de observar a diferença.

— Mamãe! — Mas ela ria alegremente.

— Ele também tem um bumbum muito bonito — acrescentei, só para fazê-la continuar a rir. — Notei quando se inclinou para pegar o uísque.

— Mããããeeee! As pessoas vão ouvi-la!

Havíamos chegado ao ponto de ônibus. Havia duas ou três mulheres e um senhor idoso de terno de tweed de pé junto à placa; viraram-se para olhar para nós quando nos aproximamos.

— É aqui o ponto do ônibus de turismo para o lago Ness? — perguntei, passando os olhos pela confusa profusão de anúncios e avisos pregados na tabuleta.

— Ah, é, sim — respondeu uma das senhoras amavelmente. — Deve chegar em mais ou menos dez minutos.

Ela olhou Brianna de cima a baixo, tão obviamente americana em suas calças jeans e jaqueta branca. O detalhe patriótico final era acrescentado pelo rosto afogueado, vermelho por causa do riso preso.

— Vão visitar o lago Ness? É a primeira vez?

Sorri para ela.

— Desci o lago de barco com meu marido há vinte e poucos anos, mas esta é a primeira viagem de minha filha à Escócia.

— Ah, é mesmo? — Isso atraiu a atenção das outras senhoras que se amontoaram à nossa volta, repentinamente acolhedoras, oferecendo sugestões e fazendo perguntas, até que o enorme ônibus amarelo dobrou a esquina, soltando descargas do motor.

Brianna parou antes de subir os degraus, admirando o pitoresco desenho das curvas verdes em forma de serpentina, ondulando por um lago de tinta azul cercado de pinheiros negros.

— Isso vai ser divertido — disse ela, rindo. — Acha que veremos o monstro?

— Nunca se sabe — respondi.

Roger passou o restante do dia em estado de abstração, vagando distraidamente de uma tarefa a outra. Os livros a serem empacotados para doação à Sociedade de Preservação de Antiguidades escorregavam de sua caixa

cheia demais; a velha caminhonete do reverendo estava parada na entrada da casa com o capô aberto, no meio de uma inspeção do motor; e uma xícara pela metade de chá com leite sem a nata jazia junto ao seu cotovelo, enquanto ele fitava, com olhos vidrados e inexpressivos, a chuva que caía no início da noite.

Ele deveria dar cabo da tarefa de dismantelar o âmago do gabinete do reverendo. Não os livros; por mais penosa que fosse a empreitada, era apenas uma questão de decidir quais guardar para si mesmo e quais despachar para a SPA ou para a velha biblioteca da universidade do reverendo. Não, mais cedo ou mais tarde ele teria que enfrentar a enorme escrivaninha, com papéis saindo de cada uma das imensas gavetas e projetando-se de suas dezenas de escaninhos. Ele teria que retirar, organizar e desfazer-se de toda a quinquilharia que decorava a parede de cortiça de um dos lados do aposento. Uma missão capaz de assombrar o mais destemido dos espíritos.

Além da total falta de vontade de iniciar a tediosa tarefa, Roger era contido por outro fator. Ele *não queria* estar fazendo tudo aquilo, por mais necessário que fosse; queria estar trabalhando no projeto de Claire Randall, seguindo o rastro dos homens dos clãs que lutaram em Culloden.

Era um projeto interessante por si só, embora provavelmente um trabalho de pesquisa sem grande valor. Mas não era esse o motivo. Não, pensou, se quisesse ser sincero consigo mesmo: ele queria dedicar-se ao projeto de Claire Randall para poder ir à pousada da sra. Thomas e colocar seus resultados aos pés de Brianna Randall, como os cavaleiros faziam com as cabeças de dragões. Ainda que não obtivesse resultados dessa escala, ansiava ardentemente por um pretexto para vê-la e conversar com ela outra vez.

Ela o fazia lembrar-se de uma pintura de Bronzino, concluiu. Tanto ela quanto sua mãe davam uma estranha impressão de terem sido de algum modo delineadas, desenhadas com pinceladas tão vigorosas e com detalhes tão delicados que se destacavam do fundo, como se tivessem sido esculpidas na paisagem. Mas Brianna possuía aquelas cores vivas e aquele ar de absoluta presença física que fazia as modelos de Bronzino parecerem segui-lo com os olhos, prestes a falar de suas molduras. Nunca vira uma pintura de Bronzino fazendo caretas diante de um copo de uísque, mas se houvesse uma, tinha certeza de que seria exatamente como Brianna Randall.

— Bem, pro inferno — disse ele em voz alta. — Não vai levar tanto tempo assim para dar uma espiada nos registros da Casa Culloden amanhã, certo? Quanto a você — disse, dirigindo-se à escrivaninha e sua pro-

fusa carga —, pode esperar mais um dia. E você também — disse à parede, retirando desafiadoramente um romance policial da estante. Olhou à sua volta de forma beligerante, como se desafiando todas as peças do mobiliário a objetar, mas não se ouviu nenhum som além do zumbido do aquecedor elétrico. Desligou-o e, com o livro embaixo do braço, deixou o gabinete, apagando a luz.

Um minuto depois, retornou, atravessando o aposento no escuro, e resgatou a lista de nomes de cima da mesa.

— Bem, pro inferno! — exclamou ele outra vez, enfiando o papel no bolso da camisa. — Não vou querer esquecer a maldita lista pela manhã. — Deu um tapinha no bolso, sentindo o papel estalar bem em cima do seu coração, e subiu para a cama.

Voltamos do lago Ness ofegantes por causa do vento e enregeladas pela chuva para o reconfortante aconchego de uma comida quente e uma lareira acesa na sala de estar. Brianna começara a bocejar em cima dos ovos mexidos e logo desculpou-se e subiu para tomar um banho quente. Permaneci na sala por mais alguns instantes, conversando com a sra. Thomas, a dona da pousada, e já eram quase dez horas quando subi para o meu próprio banho e minha camisola.

Brianna costumava dormir cedo e acordar cedo; sua respiração suave saudou-me quando abri a porta do quarto. Ela dormia cedo e também dormia profundamente; movimenter-me com todo cuidado pelo quarto, pendurando minhas roupas e arrumando nossos pertences, mas não havia risco de acordá-la. A casa foi ficando silenciosa conforme eu fazia minhas arrumações, de modo que o murmúrio de meus movimentos começou a parecer alto demais aos meus ouvidos.

Trouxera comigo vários livros de Frank, pretendendo doá-los à biblioteca de Inverness. Estavam habilmente arrumados no fundo de minha mala, formando uma base para os itens que estavam em cima, os mais passíveis de serem amassados. Retirei-os um a um, colocando-os sobre a cama. Cinco volumes encadernados, brilhantes em suas capas protetoras de plástico transparente. Objetos pesados, sólidos; quinhentas ou seiscentas páginas cada um, fora os índices e ilustrações.

Eram as Obras Completas de meu falecido marido, nas edições comentadas. Os elogios da crítica cobriam as orelhas da sobrecapa, com os comentários de cada renomado especialista na área de história. Nada mau para a obra de toda uma vida, pensei. Um feito do qual se orgulhar. Compacto, sólido, altivo.

Empilhei os livros cuidadosamente sobre a mesa ao lado de minha mala, a fim de não esquecê-los pela manhã. Os títulos nas lombadas eram diferentes, é claro, mas empilhei-os de modo que os nomes “Frank W. Randall” nas extremidades ficassem alinhados de modo uniforme, um acima do outro. Reluziam como uma joia na pequena poça de luz formada pelo abajur da mesinha de cabeceira.

A pousada estava em silêncio; ainda não era a alta estação e os poucos hóspedes existentes já haviam se recolhido há muito tempo. Na outra cama de solteiro, a respiração de Brianna fez um leve ruído e ela se virou, deixando longas mechas de cabelos ruivos cobrirem seu rosto adormecido. Um pé longo e nu projetava-se de debaixo das cobertas e eu o cobri delicadamente.

O impulso de tocar uma criança adormecida nunca desaparece, ainda que a criança seja muito maior do que a mãe, e ela mesma uma mulher — ainda que jovem. Alisei seus cabelos para trás, afastando-os do rosto, e acariciei sua cabeça. Ela sorriu em seu sono, um breve reflexo de satisfação, desfeito quase no mesmo instante em que surgiu. Meu próprio sorriso demorou-se enquanto eu a observava. Sussurrei aos seus ouvidos surdos de sono, como já fizera tantas outras vezes:

— Meu Deus, você é tão parecida com ele.

Engoli em seco, para livrar-me do nó que se formava em minha garganta — já se tornara quase um hábito, a essa altura — e peguei meu penhoar nas costas da cadeira. Fazia um frio glacial nas Terras Altas escocesas em abril, mas eu não estava pronta ainda para procurar o santuário acolhedor da minha cama de solteiro.

Eu havia pedido à proprietária para deixar a lareira acesa na sala de estar, assegurando-lhe de que apagaria o fogo antes de me recolher. Fechei a porta devagar, ainda observando os longos

membros esparramados na cama, as cascatas de sedosos cabelos ruivos derramadas na colcha azul de matelassê.

— Também não é nada mau para a obra de uma vida inteira — sussurrei para o corredor escuro. — Talvez não tão compacta, mas absolutamente altiva.

A pequena sala de estar estava às escuras e acolhedoramente aquecida, o fogo reduzido ao clarão estável de uma chama ao longo da espinha dorsal da tora principal. Puxei uma pequena poltrona para a frente da lareira e apoiei os pés na grade de proteção. Dava para ouvir todos os pequenos e costumeiros sons da vida moderna à minha volta; o zumbido surdo da geladeira no subsolo, o chiado e o murmúrio do aquecimento central, que fazia da lareira um conforto, não uma necessidade; o ronco rápido e abafado de um ou outro carro na rua.

Entretanto, sob tudo aquilo, havia o profundo silêncio de uma noite das Terras Altas. Fiquei sentada absolutamente imóvel, tentando senti-lo. Fazia vinte anos que o sentira pela última vez, mas o poder calmante da escuridão ainda estava lá, protegido entre as montanhas.

Enfiei a mão no bolso do meu penhoar e retirei a folha de papel dobrada — uma cópia da lista que eu dera a Roger Wakefield. Estava escuro demais para ler na claridade fraca do fogo da lareira, mas eu não precisava ver os nomes. Desdobrei o papel sobre meu joelho recoberto de seda e permaneci ali, sentada, olhando cegamente as linhas de caligrafia ilegível. Corri os dedos devagar sobre o papel, murmurando o nome de cada um dos homens para mim mesma, como uma prece. Eles pertenciam à fria noite de primavera, mais do que eu. Mas continuei fitando as chamas, deixando a escuridão lá de fora vir preencher os espaços vazios dentro de mim.

E pronunciando seus nomes como se os invocasse, comecei a dar os primeiros passos para trás, atravessando o vazio da escuridão em direção ao lugar onde me aguardavam.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br